

## Educação Financeira: Uma análise com Acadêmicos de um Curso de Administração

*Financial Education: An Analysis with Students in an Administration Course*

Tiago Engels Henke<sup>1</sup> , Wanderson Dutra Gresele<sup>2</sup> , Silvana Anita Walter<sup>3</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, Bacharel em Administração, e-mail: henketiago@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, Doutorando em Administração, e-mail: wanderson.gresele@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, Doutora em Administração, e-mail: silvanaanita.walter@gmail.com

### RESUMO

Este estudo objetiva verificar a relação entre o nível de educação financeira e o comportamento financeiro dos acadêmicos do curso de Administração da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, tipo *survey*, que empregou o procedimento de levantamento com abordagem quantitativa. Já no que se refere ao instrumento de coleta de dados, um questionário estruturado com questões de múltipla escolha foi aplicado a 106 respondentes de um curso de administração. A análise dos dados ocorreu a partir da estatística descritiva, estatística não-paramétrica de *Mann-Whitney*, *Kruskal-Wallis* e Correlação de *Spearman*. Verificou-se a existência de uma relação estatística significativa entre a renda pessoal e os conhecimentos financeiros. Constatou-se, ainda, que os acadêmicos consideram importantes os temas como gestão financeira pessoal e orçamento, poupar e investir e planejamento da aposentadoria; encontrando correlação entre o nível de educação financeira e a importância de empréstimo para comprar um automóvel e entre o nível de educação financeira e a importância do planejamento para a aposentadoria. Também se verificou que os respondentes, em geral, afirmam possuir uma boa carga de conhecimentos financeiros para gerir suas finanças pessoais, bem como, afirmam ser totalmente racionais em momentos de tomar decisões financeiras e apenas tomam decisões financeiras do tipo financiamento, empréstimo e investimento quando possuem todas as informações que julgam necessárias. Foi possível concluir uma correlação entre o nível de educação financeira dos alunos e a disposição de reservas financeiras do tipo poupança e/ou outros investimentos.

**Palavras-chave:** Educação Financeira; Finanças Pessoais; Decisões Financeiras; Comportamento Financeiro.

### ABSTRACT

This study aims to examine the relationship between the level of financial education and the financial behavior of students in the Administration course at the Western Paraná State University, Marechal Cândido Rondon campus. The methodology used was descriptive survey-type research, using a data collection procedure with a quantitative approach. Regarding the data collection instrument, a structured questionnaire with multiple-choice questions was applied to 106 respondents from the administration course. Data analysis was conducted using descriptive statistics, Mann-Whitney's and Kruskal-Wallis' non-parametric statistics, and Spearman's correlation. A statistically significant relationship was found between personal income and financial knowledge. It was also found that students consider topics such as personal financial management and budgeting, saving and investing, and retirement planning to be important; finding a correlation between the level of financial education and the importance of a loan to buy a car, and between the level of financial education and the

importance of retirement planning. It was also verified that the respondents, in general, claim to have a good amount of financial knowledge to manage their personal finances, as well as claiming to be totally rational when making financial decisions and only make financial decisions such as financing, loans, and investments when they have all the information they deem necessary. It was possible to conclude a correlation between the students' level of financial literacy and the availability of financial reserves such as savings and/or other investments.

**Keywords:** Financial education. Personal finances. Financial decisions. Financial behavior.

## **1 INTRODUÇÃO**

Evidências empíricas demonstram que a falta de conhecimento financeiro está diretamente relacionada ao endividamento e à dificuldade de acumular patrimônio; dominar noções básicas de finanças, requisito para manter o equilíbrio orçamentário (Baptista et al., 2012). No Brasil, entretanto, a capacitação e a experiência dos agentes responsáveis por difundir esse saber ainda são limitadas. Embora a educação financeira tenha conquistado destaque nos meios acadêmico, empresarial e governamental, seu desenvolvimento no país continua embrionário (Savoia; Saito; Santana, 2007; Albuquerque; Soeiro; Oliveira, 2023; Ribeiro, 2024).

A limitação do conhecimento financeiro está associada ao endividamento e à dificuldade de acumular patrimônio; dominar noções básicas torna-se condição para o equilíbrio orçamentário (Baptista et al., 2012). No Brasil, há escassa capacitação e experiência dos agentes responsáveis por promovê-lo, embora a educação financeira tenha ganhado destaque nos meios acadêmico, empresarial e governamental, seu estágio de desenvolvimento no país permanece embrionário (Saiva; Saito; Santana, 2007; Albuquerque; Soeiro; Oliveira, 2023; Ribeiro, 2024).

Os indivíduos compreendem de maneira limitada o processo de tomada de decisões financeiras e suas consequências (Bazerman; Moore, 2014). Tais competências permanecem, em grande medida, restritas a formações de nível superior em áreas específicas ou a experiências profissionais que demandam conhecimento contábil e financeiro (Leal; Melo, 2007).

Nesse contexto, a educação financeira torna-se conceito central, entendido como a capacidade de interpretar situações financeiras complexas, decidir eficazmente sobre uso e administração do dinheiro e mobilizar conhecimentos e habilidades voltados à gestão das finanças pessoais (Ribeiro, 2024; Mota; Medeiros; Gatto, 2023).

Formação acadêmica e emprego, por si só, não asseguram estabilidade econômica, pois depende da aptidão para lidar com recursos monetários (Domingos, 2012; Couto et al. 2023). A educação financeira procura, justamente, expandir o domínio de conceitos e práticas, estimulando a consciência de riscos e oportunidades (OECD, 2005) e melhorando a compreensão de produtos financeiros, de modo a favorecer decisões mais seguras (Potrich; Vieira; Silva, 2016).

A tomada de decisões financeiras e suas consequências são pouco compreendidas (Bazerman; Moore, 2014). Ainda, as habilidades financeiras estão restritas ao ensino superior em áreas específicas ou a experiências profissionais (Leal; Melo, 2007). Neste caminho a educação financeira é um conceito central, definido como a capacidade de compreender e lidar com situações financeiras complexas, tomar decisões eficazes sobre o uso e a administração do dinheiro, e possuir o conhecimento e as habilidades necessárias para gerenciar as finanças pessoais (Ribeiro, 2024; Mota; Medeiros; Gatto, 2023).

Formação e emprego não garantem estabilidade financeira; isso depende da capacidade de lidar com o dinheiro (Domingos, 2012). A educação financeira visa aprimorar o conhecimento sobre conceitos e práticas, promovendo habilidades e consciência de riscos e oportunidades (OECD, 2005), pois melhora a compreensão sobre produtos e riscos, promovendo decisões mais seguras (Potrich; Vieira; Silva, 2016).

Entretanto, o analfabetismo financeiro é uma realidade global, o que reforça a necessidade de programas educativos (Lusardi; Mitchell, 2011). No Brasil, o Decreto n. 7.397/2010 busca fortalecer a cidadania por meio da educação financeira (Brasil, 2010). No Brasil, uma criança pode chegar na fase adulta sem possuir domínio de situações financeiras básicas, desde administrar seu próprio dinheiro, até a leitura de um extrato bancário (Freitag et al., 2009).

A elaboração da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF, 2008) desenvolveu um retrato nacional, no qual verificou-se um descompasso entre a visão popular e a visão profissional, no que tange aos conceitos financeiros. Assim, confirmou-se que grande parte da população brasileira não se preocupa com formação de poupança e não consegue fazer com que o dinheiro renda até o fim do mês, deixando visível o descontrole das finanças pessoais. Ademais, educação financeira ainda é um campo emergente no contexto brasileiro, caracterizado por produção dispersa (Albuquerque; Soeiro; Oliveira, 2023; Ribeiro, 2024).

Diante do exposto, apresenta-se como questão problema da presente pesquisa: Como se dá a relação entre o nível de educação financeira e o comportamento financeiro dos acadêmicos do curso de Administração da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon?

Esta pesquisa contribui para os debates sobre educação financeira no Brasil, especialmente em um contexto em que se fortalece a Estratégia Nacional de Educação Financeira. Além de ressaltar a importância do acesso da população a programas educativos, o

estudo evidencia a necessidade de identificar grupos de risco, a fim de direcionar ações mais eficazes. Tais programas devem priorizar públicos específicos, considerando os fatores sociais e econômicos que influenciam o comportamento financeiro dos indivíduos. Dessa forma, a identificação de grupos prioritários torna-se essencial para a promoção de uma educação financeira mais efetiva e inclusiva (Haslem, 2013).

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

A educação financeira assume significados variados conforme o público-alvo, o que justifica a multiplicidade de definições presentes na literatura (Worthington, 2006). De modo geral, ela envolve a capacidade de compreender e aplicar noções de matemática financeira, bem como de dominar conceitos, práticas e atitudes necessários a decisões monetárias adequadas (Peter; Palmeira, 2013).

Segundo Teixeira et al. (2010), trata-se da aplicação cotidiana de princípios financeiros, buscando equilíbrio na relação com o dinheiro e escolhas mais consistentes em horizontes de curto, médio e longo prazo. Augustinis, Costa e Barros (2012) identificam duas abordagens: uma absoluta, que propõe padrões válidos para qualquer consumidor, e outra relativa, que varia de acordo com habilidades, experiências e necessidades individuais; apesar disso, a vertente absoluta ainda predomina nos estudos empíricos.

Sob enfoque processual, Savoia, Saito e Santana (2007) caracterizam a educação financeira como a transmissão de conhecimentos que habilita decisões fundamentadas. A OCDE (2005) acrescenta que o indivíduo financeiramente educado deve gerenciar poupança, orçamento, investimentos, crédito e seguros, enquanto Hira (2009) enfatiza a aplicação consciente desse saber. Tais competências relacionam-se a maior segurança nas escolhas financeiras e à estabilidade econômica em níveis micro e macro (Klapper; Lusardi; Panos, 2012); pessoas com elevada literacia tendem a apresentar menor endividamento, renda disponível superior e maior atenção ao planejamento previdenciário. Wisniewski (2011) ressalta ainda o papel das ferramentas de gestão financeira na formação de hábitos de poupança.

No contexto brasileiro, Flores, Campara e Vieira (2012) analisaram a relação entre educação financeira e endividamento em Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul, e verificaram diferenças vinculadas a renda, escolaridade e estado civil. Os autores observaram

que, após o matrimônio, os indivíduos tendem a preocupar-se mais com as finanças pessoais, buscar maior estabilidade e demonstrar aversão ao risco; constataram também que o conhecimento financeiro cresce à medida que aumentam os investimentos em educação.

Em estudo com acadêmicos de Ciências Contábeis, Licenciatura, Pedagogia e Serviço Social de uma universidade pública da Paraíba, Andrade e Lucena (2018) encontraram, em geral, níveis de educação financeira entre baixo e razoável. Fatores como curso frequentado e gênero mostraram-se estatisticamente significativos, e participantes do sexo feminino registraram pontuações inferiores às do sexo masculino.

Marques, Faria, Bastos e Pinto (2023) confirmam o baixo nível de literacia financeira entre os respondentes e demonstram que maior conhecimento eleva a probabilidade de comportamentos considerados saudáveis, como manter reservas de emergência e controlar gastos de forma sistemática. Essas evidências reforçam a necessidade de revisar políticas públicas de educação financeira e integrar o tema como conteúdo transversal nos currículos do ensino superior.

A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), elaborada em 2008 a partir de pesquisa do Instituto Data Popular, revelou que, para os brasileiros, dinheiro é sinônimo de meio de pagamento para o dia a dia, enquanto investimento é compreendido como a aquisição de bens como imóveis e automóveis.

Investigando 929 estudantes de um instituto estadual de ensino superior tecnológico no interior de São Paulo, Mota, Medeiros e Gatto (2023) verificaram que apenas 25 % dos respondentes podem ser considerados alfabetizados financeiramente, percentual inferior à média nacional de 35 %. A literacia correlacionou-se positivamente com idade, renda individual e familiar, escolaridade dos pais e número de disciplinas de finanças cursadas; observou-se também diferença significativa de gênero, com homens superando mulheres em conhecimento. Lacunas persistiram em temas como inflação, juros compostos e seguros, levando os autores a recomendarem a inserção sistemática da educação financeira no currículo tecnológico.

Ribeiro (2024) mapeou a produção brasileira sobre alfabetização financeira indexada numa biblioteca eletrônica e concluiu que, embora o campo esteja em expansão, a rede de colaboração permanece dispersa e de baixa densidade, sugerindo o fortalecimento de parcerias interinstitucionais e a ampliação das metodologias de pesquisa para consolidar a área no cenário acadêmico nacional.

Corrêa e Coletta (2024) identificaram que cada unidade adicional no escore de acesso ao crédito em instituições financeiras digitais aumenta em 15,4 % a chance de o respondente apresentar alguma dívida e multiplica por 2,52 (risco de sobre-endividamento) a 2,61 vezes (sobre-endividamento) o risco relativo de pertencer às categorias de endividamento mais severo, em comparação com indivíduos sem dívidas. Em contrapartida, maior alfabetização financeira reduz significativamente a probabilidade de endividamento em todos os níveis analisados.

Santos et al. (2023) aplicaram questionário a graduandos de seis cursos distintos, contemplando perfil socioeconômico, Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade e conhecimento financeiro. Dos participantes, 68,35 % apresentaram desequilíbrio financeiro; níveis mais elevados de extroversão e consciência relacionaram-se positivamente à sensação de segurança nas finanças pessoais. A consciência também se associou a maior planejamento, hábito de poupar/investir e diversificação de investimentos, corroborando parcialmente as hipóteses dos autores; já o equilíbrio financeiro não variou de modo significativo com estabilidade emocional ou abertura a experiências. Dois fatores latentes emergiram do planejamento financeiro: “Planejamento e controle” e “Inconsistência entre percepções e hábitos”.

Silva (2024) investigou se a formação técnica em gestão aumenta a propensão a planejar as finanças pessoais. Controlados os demais fatores, a propensão foi 20,7 % menor entre alunos de cursos técnicos de gestão quando comparados a colegas de outras áreas, sugerindo que o conteúdo de finanças empresariais não se converte, necessariamente, em comportamento de planejamento pessoal.

O fenômeno, contudo, não se restringe ao Brasil. Pesquisas internacionais demonstram que o analfabetismo financeiro permanece generalizado, mesmo em nações economicamente desenvolvidas: em um levantamento que abrangeu oito países, constatou-se que a baixa literacia afeta amplamente a população, sendo modulada por diferenças regionais, étnicas e religiosas (Lusardi; Mitchell, 2011).

Em contexto francês, trabalhadores de meia-idade com maior escolaridade revelam níveis superiores de educação financeira (Arrondel; Debbich; Savignac, 2013), enquanto, na Rússia, homens jovens, casados ou em coabitação e residentes em áreas urbanas apresentaram melhor desempenho em testes de conhecimento (Klapper; Lusardi; Panos, 2012).

Nos Países Baixos, mulheres demonstraram menor domínio financeiro, ao passo que indivíduos ativos no mercado de trabalho e com escolaridade mais elevada mostraram maior proficiência (Alessie; Rooij; Lusardi, 2011). Por fim, entre estudantes universitários nos Estados Unidos, mulheres exibiram menor conhecimento financeiro, mesmo após controle de experiência, idade e formação, e relataram menor entusiasmo e confiança para aprender sobre finanças (Chen; Volpe, 2002).

Do ponto de vista agregado, análises bibliométricas (Albuquerque; Soeiro; Oliveira, 2023; Ribeiro, 2024) evidenciam crescimento, mas ainda dispersão, da produção brasileira, com redes de colaboração pouco densas e lacunas metodológicas que exigem diversificação temática. Esse cenário reforça a recomendação de ampliar parcerias interinstitucionais e adotar metodologias mistas, bem como de articular conteúdos cognitivos, habilidades comportamentais e dimensões socioambientais (Vieira et al., 2011).

Em síntese, a educação financeira não apenas influencia o manejo individual de recursos, mas também repercute no desenvolvimento econômico coletivo (Wisniewski, 2011). Todavia, o Brasil carece de política educacional estruturada que integre efetivamente o tema aos currículos de todos os níveis (Frankenberg, 2002), fato que contribui para o elevado endividamento das famílias.

Ademais, a capacidade de compreensão e decisão financeiras varia ao longo do ciclo de vida (Arrondel; Debbich; Savignac, 2013), que demanda estratégias pedagógicas adaptadas a faixas etárias específicas. Necessitando, portanto, implementar programas contínuos, acessíveis e focalizados nos diferentes perfis da população, capazes de capacitar os indivíduos a escolhas mais conscientes, sustentáveis e adequadas à complexidade crescente do ambiente financeiro contemporâneo.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de levantamento, do tipo *survey*, com abordagem quantitativa e delineamento descritivo, cujo objetivo foi identificar o nível de educação financeira entre estudantes de Administração da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Marechal Cândido Rondon, Paraná, a partir da percepção dos próprios participantes sobre seus comportamentos financeiros pessoais.

A escolha da população, alunos do curso de Administração, foi fundamentada na relevância da área para o tema investigado. Esse grupo, diferentemente de cursos com menor ênfase em conteúdos econômico-financeiros, tem contato com disciplinas como Matemática Financeira, Finanças, Custos e Análise de Investimentos, o que sugere uma maior familiaridade com conceitos de gestão financeira (Lucci et al., 2006).

Assim, ao invés de refletir a média geral da população universitária, optou-se por focalizar um grupo potencialmente mais exposto ao conteúdo, de forma a explorar em que medida esse contato efetivamente se traduz em comportamento e conhecimento financeiro. Essa escolha também permite comparações com estudos anteriores que abordaram diferentes perfis estudantis, como por exemplo, Andrade e Lucena (2018).

No total, 106 estudantes participaram do levantamento, distribuídos entre os quatro anos do curso: 32 do primeiro ano, 30 do segundo ano, 27 do terceiro ano e 17 do quarto ano. A composição da amostra permite observar variações ao longo da formação acadêmica, possibilitando análises comparativas entre diferentes níveis de progressão no curso.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, formado por questões de múltipla escolha e aplicado de forma presencial. O questionário foi composto por doze perguntas, divididas em três seções. A primeira seção desvelou questões de gênero, estado civil, idade e renda, possibilitando a identificação do perfil socioeconômico dos pesquisados.

A segunda seção teve o propósito de mensurar o nível de educação financeira dos respondentes e constituiu-se de uma adaptação do instrumento utilizado por Lusardi e Mitchell (2007, 2011) e Alessie, Rooji e Lusardi (2011). Desenvolvida originalmente para o *U.S. Health and Retirement Study* (HRS), esta ferramenta é composta por três perguntas de múltipla escolha; as duas primeiras questões com baixo grau de complexidade, envolvendo inflação e cálculos simples; já a terceira pergunta, com um nível maior de complexidade, abordando a diversificação de risco.

Segundo Lusardi e Mitchell (2011) as questões possuem fundamentos em quatro princípios básicos: a simplicidade, implica que as questões devem envolver conceitos básicos semelhantes ao ABC aprendido durante o processo de alfabetização escolar; a relevância, onde as questões deveriam se relacionar com conceitos do dia a dia financeiro das pessoas, buscando capturar informações gerais em vez de conceitos específicos; a brevidade, o número de questões deveria ser reduzido ao mínimo, de forma a permitir a aplicação em diferentes contextos; e, finalmente, a capacidade de diferenciação, as questões deveriam permitir a diferenciação dos

níveis de conhecimentos. Adicionalmente, teve-se a preocupação na elaboração do questionário com a possibilidade de indução das respostas e, portanto, para controlar tais efeitos, os pesquisados podiam indicar que não sabiam responder.

Na terceira seção foram apresentadas duas questões com o intuito de compreender o comportamento dos acadêmicos em relação às finanças pessoais. As questões fazem uso de uma escala de cinco pontos; a primeira questão foi desenvolvida por Lyons (2007) e tem como objetivo analisar o grau de importância atribuído aos temas relacionados a finanças pessoais, orçamento, financiamento, empréstimo e aposentadoria. Já a última questão tem por objetivo verificar o comportamento financeiro dos estudantes.

Os dados coletados foram tabulados e, conseqüentemente, calculado o nível de educação financeira de cada acadêmico pesquisado. O cálculo ocorreu a partir do índice de acertos de cada respondente e calculado mediante o percentual de acertos em relação ao total, assim como proposto por Alves *et al* (2011).

A análise dos dados deu-se a partir da estatística descritiva, da diferença de média e da análise de correlação. Utilizou-se um teste de média para analisar se havia variações entre o nível de educação financeira dos acadêmicos, bem como as diferenças entre pessoas com perfis diferentes (sexo, renda, idade e estado civil). A análise de correlação foi utilizada para relacionar o nível de educação financeira dos estudantes ao comportamento financeiro. Utilizou-se a estatística não paramétrica de *Mann-Whitney*, *Kruskal-Wallis* e Teste de Correlação de *Spearman* (Field, 2009; Dancey; Raidy, 2013).

## **4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Neste tópico, é apresentado o resultado obtido por meio da presente pesquisa, que buscou identificar a educação financeira dos acadêmicos do curso de Administração da UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon, bem como o comportamento financeiro de cada respondente.

### **4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES**

Participaram da pesquisa 106 estudantes do curso de Administração, dos quais 30,2% são acadêmicos do primeiro ano, 28,3% do segundo ano, 25,5% do terceiro ano e 16% do quarto ano, conforme mencionado no capítulo 3.1.

Dentre os respondentes, 46,2% são do sexo masculino e 53,8% do sexo feminino. A faixa etária de 17 a 19 anos representou 42,5% dos pesquisados, 14,2% possuem 20 anos, 21 acadêmicos entre 21 e 22 anos, equivalente a 19,8% do total e 23,6% de 23 a 52 anos.

Quanto ao estado civil, observou-se a predominância de solteiros, com representatividade de 84,9%. O restante divide-se em 12,3% de casados, 0,9% viúvos e 1,9% divorciados.

Entre os participantes da pesquisa, 87,7% exercem atividades remuneradas, dos quais 25,5% possuem renda mensal pessoal de até novecentos reais, incluindo acadêmicos que não exercem atividade remunerada, considerando renda pessoal igual a zero. Estudantes que possuem renda mensal de R\$ 900,01 a R\$ 2.000,00 representaram 51,9%, já os que recebem de 2.000,01 até 3.000,00 reais somam um montante de 14 alunos, equivalente a 13,2% do total de respondentes, sete alunos representando 6,6% possuem renda de R\$ 3.000,01 a R\$ 4.000,00 e 2,8% recebem acima de quatro mil reais.

Referente à renda familiar dos acadêmicos, verificou-se que dos 106 alunos participantes, 10 possuem renda familiar mensal de até R\$ 2.000,00, ou seja, 9,4% do total. 32,1% fazem parte dos que possuem renda familiar de 2.000,01 até 4.000,00 reais, já os que recebem de R\$ 4.000,01 a R\$ 6.000,00 representam 31,1%, 15,1% dos respondentes se encaixam na opção de 6.000,01 a 8.000,00 reais e 12,3% ficam acima de R\$ 8.000,00.

**Tabela 1** – Perfil dos respondentes

<b>Características</b>	<b>Perfil</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual (%)</b>
<b>Sexo</b>	Masculino	49	46,2
	Feminino	57	53,8
<b>Idade</b>	De 17 a 19 anos	45	42,5
	20 anos	15	14,2
	De 21 a 22 anos	21	19,8
	De 23 a 52 anos	25	23,6
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	90	84,9
	Casado	13	12,3
	Viúvo	1	0,9
	Divorciado	2	1,9
<b>Atividade remunerada</b>	Não	13	12,3
	Sim	93	87,7
<b>Renda pessoal mensal</b>	Até R\$ 900,00	27	25,5
	R\$ 900,01 até 2.000,00	55	51,9
	R\$ 2.000,01 até 3.000,00	14	13,2

	R\$ 3.000,01 até 4.000,00	7	6,6
	Acima de R\$ 4.000,00	3	2,8
<b>Renda familiar mensal</b>	Até R\$ 2.000,00	10	9,4
	R\$ 2.000,01 até 4.000,00	34	32,1
	R\$ 4.000,01 até 6.000,00	33	31,1
	R\$ 6.000,01 até 8.000,00	16	15,1
	Acima de R\$ 8.000,00	13	12,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Conclui-se, assim, que os acadêmicos pesquisados em sua maioria são do sexo feminino entre 17 e 19 anos de idade, estado de civil solteiro, no primeiro ano do curso, praticantes de atividade remunerada, com renda pessoal de R\$ 900,01 até 2.000,00 e familiar R\$ 2.000,01 até 4.000,00.

#### 4.2 NÍVEL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O nível de educação financeira dos respondentes foi mensurado através do uso de conceitos básicos sobre as finanças pessoais, descrito anteriormente, no tópico da metodologia, seção do instrumento de pesquisa.

Para avaliar os acadêmicos, foram utilizadas três questões, com o intuito de verificar o entendimento dos acadêmicos com relação ao conhecimento matemático, compreensão da inflação e investimentos.

A questão referente ao conhecimento matemático dos alunos foi a seguinte: “Suponha que você tem R\$100,00 em uma conta de poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Após 5 anos quanto você acha que teria em sua conta se você deixou o dinheiro crescer?”, o resultado está apresentado a seguir na tabela 2.

**Tabela 2 – Juros**

<b>Alternativa</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual (%)</b>
Mais de R\$110,00	64	60,4
Exatamente R\$110,00	23	21,7
Menos de R\$110,00	5	4,7
Não sei	14	13,2
<b>Total</b>	106	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que 60,4% dos acadêmicos acertaram a questão, enquanto em uma faculdade pública da Paraíba, um estudo realizado por Andrade e Lucena (2018) apontou uma assertividade de 51,6%. Na Holanda, foi observado um percentual de acerto de 84,83% segundo

Allessie, Rooji e Lusardi (2011), já nos Estados Unidos, Lusardi e Mitchell (2006) encontraram um percentual de 83,5% de acertos dos respondentes.

Em relação ao entendimento sobre inflação foi proposta a seguinte questão: “Imagine que a taxa de juros em sua conta poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, o quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro nesta conta?”. O resultado encontra-se na tabela 3.

**Tabela 3 – Inflação**

<b>Alternativa</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual (%)</b>
Mais que hoje	7	6,6
Exatamente a mesma quantia	5	4,7
Menos que hoje	71	67,0
Não sabem	23	21,7
<b>Total</b>	106	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme demonstrado na tabela 3, 67% dos participantes da pesquisa conseguiram responder a alternativa corretamente, enquanto 33% erraram ou não souberam responder a questão. No estudo realizado por Andrade e Lucena (2018), o percentual de acertos dos acadêmicos foi de 65,43%.

A última questão, relacionada ao nível de educação financeira, é referente ao risco dos investimentos e aborda a seguinte pergunta: “A compra de uma única ação normalmente proporciona um retorno mais seguro do que um fundo mútuo de ações?”. As alternativas disponíveis e as respostas obtidas encontram-se na tabela 4.

**Tabela 4 – Investimento**

<b>Alternativa</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual (%)</b>
Verdadeiro	15	14,2
Falso	54	50,9
Não sei	37	34,9
<b>Total</b>	106	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange a risco e retorno, podemos verificar que 50,9% dos acadêmicos acertaram a questão. Já o resultado da pesquisa realizada por Andrade e Lucena (2018), mostrou que aproximadamente 60% dos entrevistados responderam corretamente a mesma questão. Em

outro estudo, realizado na Holanda, por Alissie, Rooij e Lusardi (2011), porém com a mesma questão, cerca de 50% dos entrevistados responderam corretamente.

A partir dos resultados obtidos nas questões apresentadas anteriormente e da utilização da metodologia de Alves et al. (2011), foram calculados os níveis de educação financeira dos acadêmicos.

**Tabela 5** – Nível de educação financeira

<b>Total de acertos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual (%)</b>
0%	10	9,4
33,33%	29	27,4
66,67%	41	38,7
100%	26	24,5
<b>Total</b>	<b>106</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Como demonstrado na tabela anterior, é perceptível que 9,4% dos acadêmicos tiveram um desempenho péssimo, com zero por cento de acertos, 27,4% tiveram um desempenho ruim, 38,7% um desempenho satisfatório e 24,5% obtiveram um ótimo desempenho, acertando todas as questões. De maneira abrangente, 36,8% dos acadêmicos não possuem conhecimento necessário para gerenciar suas finanças, 38,7% apresentam condições consideráveis e apenas 24,5% possuem conhecimentos suficientes sobre conceitos de finanças pessoais. No estudo realizado por Andrade e Lucena (2018), apenas 1,6% dos respondentes acertaram todas as questões e que o nível de educação financeira dos alunos em geral é entre baixo e razoável.

Com o objetivo de identificar o perfil de risco dos acadêmicos, foi utilizado a metodologia de teste não paramétrico de Mann-Whitney U e Kruskal-Wallis. Para o desenvolvimento dos testes, foram relacionados os níveis de educação financeira com o perfil dos estudantes.

**Tabela 6** – Diferença de média nível de educação e características individuais

<b>Variável</b>	<b>Teste</b>	<b>P-valor</b>
Sexo	U Mann-Whitney	0,092
Faixa Etária	Kruskal-Wallis	0,065
Estado Civil	Kruskal-Wallis	0,058
Trabalha	Kruskal-Wallis	0,454
Renda Pessoal	Kruskal-Wallis	<b>0,048*</b>
Renda Familiar	Kruskal-Wallis	0,088

\* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Dados da pesquisa.

Com os resultados dos testes de diferença de média entre o nível de educação financeira e as características individuais dos acadêmicos, observou-se que ocorreu uma variação significativa com relação a renda pessoal dos respondentes (Kruskal-Wallis=0,48,  $p<0,05$ ). Flores, Campara e Vieira (2012) também constataram diferenças entre a característica renda pessoal e a educação financeira e afirmam que as diferenças no conhecimento financeiro dos indivíduos estão relacionadas ao maior investimento em educação.

#### 4.3 COMPORTAMENTO E DINHEIRO

Com o objetivo de analisar o grau de importância do comportamento financeiro dos respondentes, a questão 11, conforme mencionado na metodologia, abordou seis temas a respeito do assunto. O primeiro trata da gestão financeira e orçamento, o segundo relaciona-se aos cartões de crédito. Já o terceiro enfatiza o empréstimo para a compra de automóvel, enquanto o quarto tópico aborda o tema de financiamento de estudos universitários, o quinto tema concerne as ações de poupar e investir e, por fim, o sexto ponto é referente ao planejamento para aposentadoria.

Sobre gestão financeira e orçamento, em geral, os acadêmicos os consideram essenciais para a administração de suas finanças pessoais, dos 106 respondentes, 61,3% classificaram como muito importante.

Em relação a importância sobre cartões de crédito, ficou perceptível que, em geral, os respondentes não possuem uma opinião formada sobre o assunto. Do total de alunos, 21,7% consideram cartões de crédito muito importantes, 21,7% os consideram importantes e a mesma porcentagem vale para os que são neutros em relação ao tema e os respondentes que consideram cartões de crédito pouco importantes. Apenas 13,2% responderam como sendo nada importante possuir cartões de créditos.

Quanto a empréstimos para a compra de um carro, os acadêmicos possuem percepções diferentes, isto é, 34 alunos definem a iniciativa como muito importante ou importante, enquanto 27 foram neutros e 45 se posicionaram como sendo pouco ou nada importante.

Referente ao financiamento de uma educação universitária, 45,3% afirmam ser muito importante ou importante, já 30,3% alegam ser pouco ou nada importante o financiamento dos estudos universitários e 24,5% são neutros em relação a este tema.

No que tange a percepção da importância sobre poupança e investimento, observou-se que em sua maioria, os acadêmicos consideraram o tema muito importante ou importante, representando 66% dos respondentes.

No que se refere ao planejamento da aposentadoria, em geral, os alunos não possuem opinião formada quanto ao tema, sendo que 50 respondentes revelaram ser muito importante ou importante, 26 não expressaram importância e 30 acham pouco ou nada importante.

Utilizou-se o teste de correlação de *Spearman* para relacionar as respostas obtidas na questão 11 ao nível de educação financeira dos alunos.

**Tabela 7.** Análise da importância percebida e nível de educação financeira

<b>Afirmativa</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Coefficiente de correlação</b>
Gestão financeira pessoal e orçamento	2,085	1,5561	-0,025
Cartões de crédito	2,830	1,3485	-0,006
Empréstimo para a compra de um carro	3,123	1,4122	<b>0,191*</b>
Financiamento de educação universitária	2,792	1,3643	0,071
Poupar e investir	2,283	1,5660	-0,024
Planejamento da aposentadoria	2,679	1,4044	<b>-0,236*</b>

\* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados das correlações, conforme demonstrado na tabela 7, foram significativos em dois temas abordados, sendo eles, empréstimo para a compra de um carro e o planejamento da aposentadoria ( $p < 0,05$ ). Conforme o resultado apresentado, observou-se que existe uma correlação positiva entre o nível de educação financeira e a importância percebida em relação ao empréstimo para a compra de um automóvel, bem como uma correlação negativa entre o nível de educação financeira e a importância percebida do planejamento da aposentadoria.

Com o propósito de analisar o comportamento financeiro dos respondentes, a última questão (questão 12) foi responsável por colher informações sobre a gestão financeira de cada acadêmico, abordando temas como poupança e investimentos, endividamento e autoconhecimento relacionado a tomadas de decisões referentes a finanças pessoais, empréstimos e investimentos.

De modo geral, dos 106 respondentes, 62 acadêmicos afirmam possuir reservas financeiras do tipo poupança e outros investimentos, enquanto 34 não possuem reservas e 10 foram neutros.

Outro tema analisado foi referente a inscrição no SPC ou SERASA e, em sua maioria, 81,1% não possuem os nomes inscritos em algum sistema de proteção ao crédito. Assim como 67,9% afirmam não terem possuído dívidas antes de iniciar o respectivo curso e 22,6% afirmam que possuíam. 59,4% dos acadêmicos não contraíram dívidas após o início do curso, 20,8% afirmam que fizeram dívidas e 19,8% sinalizam-se neutros.

Com relação à percepção obtida do comportamento financeiro dos alunos, 51,9% afirmam possuir conhecimento financeiro para gerir suas finanças, 34,9% são neutros e apenas 13,2% afirmam não possuírem tais conhecimentos.

Quando questionados, 50,9% dos alunos afirmaram ser totalmente racionais na hora de tomar decisões financeiras, enquanto 33% permaneceram neutros e apenas 16% afirmaram não possuir esse comportamento.

Dos pesquisados, 65,1% admitiram que só tomam decisões relacionadas a financiamentos, empréstimos e investimentos quando possuem todas as informações que julgam necessárias, apenas 17% foram neutros e 18% afirmaram não possuir tal comportamento.

Para relacionar as respostas obtidas na questão 12, sobre comportamentos financeiros com os resultados obtidos sobre o nível de educação financeira, efetuou-se a correlação de *Spearman*, apresentado na tabela 8.

**Tabela 8.** Análise de comportamento e nível de educação financeira

<b>Afirmativa</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Coefficiente de correlação</b>
Tenho uma boa carga de conhecimento para gerir minhas finanças	2,481	1,0622	-0,179
Possuo reservas financeiras do tipo poupança e outros investimentos	2,528	1,5319	<b>-0,194*</b>
Tenho ou já tive meu nome inscrito em programa de proteção ao crédito	4,368	1,2823	0,046
Antes de começar o curso já possuía dívidas	3,934	1,5136	0,101
Após começar o curso contraí dívidas	3,783	1,3802	-0,060
Sou totalmente racional na hora de tomar decisões financeiras	2,528	1,1059	-0,039
Só tomo decisões do tipo financiamento, empréstimos e investimentos quando tenho todas as informações que julgo como necessárias	2,170	1,2534	-0,127

\* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme demonstrado na tabela 8, observou-se apenas uma correlação significativa na análise de comportamento financeiro e nível de educação financeira. A correlação foi negativa quanto aos acadêmicos possuírem reservas financeiras do tipo poupança ou outros investimentos, bem como o nível de educação financeira indicado pelos respondentes.

Os indivíduos costumam acreditar que sabem mais do que realmente sabem e isto implica em um erro cognitivo conhecido como excesso de confiança (Fischhoff; Slovic; Lichtenstein, 1997). Conforme mencionado, o fato de os acadêmicos afirmarem que possuem conhecimentos financeiros, não confirma, de fato, que tomam boas decisões financeiras. De acordo com Barberis e Thaler (2002), o aspecto cognitivo possivelmente pode gerar consequências no processo de decisões financeiras. Segundo Barzeman e Moore (2014), os indivíduos não são conscientes em relação a como suas decisões são interferidas pelo senso cognitivo.

## **5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS**

Os achados deste estudo revelam um quadro da educação financeira entre estudantes de um curso de Administração. Apesar de apresentarem desempenho razoável em alguns conceitos básicos, persistem contradições entre conhecimento declarado, percepção de importância e comportamentos práticos, sobretudo nas decisões de longo prazo e na formação de reservas financeiras.

O desempenho geral, onde 36,8% dos participantes têm conhecimento insuficiente e apenas 24,5 % plenamente proficientes, contraria a premissa de que alunos de Administração, por cursarem disciplinas de Matemática Financeira, Finanças e Custos, exibiriam níveis mais elevados de educação. Embora esses resultados superem os relatados por Andrade e Lucena (2018) para acadêmicos de diferentes cursos, eles continuam aquém de patamares observados em estudos norte-americanos e holandeses (Lusardi; Mitchell, 2011).

A única variável demográfica estatisticamente associada ao conhecimento foi a renda pessoal. Esse achado reforça a evidência de Flores, Campara e Vieira (2012) de que renda mais alta tende a acompanhar maior investimento em capital humano financeiro. O sentido causal, contudo, é bidirecional: jovens com maior renda podem buscar mais informação, ou o domínio

conceitual pode, a longo prazo, favorecer rendas mais altas. Futuros estudos longitudinais poderão elucidar essa relação.

Dois paradoxos merecem destaque. Primeiro, observou-se correlação negativa entre educação financeira e importância atribuída ao planejamento da aposentadoria. À luz do modelo do ciclo de vida (Arrondel; Debbich; Savignac, 2013), esse resultado sugere que, por estarem na juventude, os estudantes subestimam o horizonte de longo prazo, mesmo dominando os conceitos técnicos.

Segundo, verificou-se correlação negativa entre nível de conhecimento e posse de reservas em poupança ou outros investimentos. Esse paradoxo pode ser compreendido pelo viés de excesso de confiança (Fischhoff; Slovic; Lichtenstein, 1977; Barberis; Thaler, 2002), o sentir-se bem-informado pode induzir a adiar decisões de acumulação, pois o indivíduo crê ser capaz de agir oportunamente no futuro. A dissonância entre a autoavaliação “sou racional e bem-informado” e o comportamento efetivo reforça a premissa central das finanças comportamentais de que conhecimento declarativo não garante escolhas ótimas.

A divergência entre os presentes resultados e os de Andrade e Lucena (2018), que encontraram correlações positivas entre conhecimento e práticas de poupança, sugere que contexto institucional e composição curricular podem mediar a relação entre educação e comportamento. Sugere influência do contexto institucional e da composição curricular. Cursos de Administração, focados em análises de curto prazo, podem fomentar estratégias oportunistas, ao passo que formações interdisciplinares valorizam a prudência. Essa variabilidade, alinhada a resultados de Mota, Medeiros e Gatto (2023) e Campos, Pereira e Ribeiro (2024), indica que ambiente acadêmico modula a tradução do conhecimento em comportamento.

Em suma, a evidência demonstra que a educação financeira, embora necessária, não é condição suficiente para promover comportamentos financeiros prudentes. Fatores de ciclo de vida, contexto socioeconômico e vieses cognitivos modulam a tradução do conhecimento em ação. Essa constatação aponta para intervenções pedagógicas mais aplicadas, simuladores de carteira, laboratórios de orçamento e discussões sobre vieses, e para políticas públicas focalizadas em grupos socioeconômicos específicos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A crescente acessibilidade a produtos financeiros, combinada ao histórico de endividamento das famílias brasileiras, realça a importância de compreender o nível de educação financeira dos universitários. Partindo dessa lacuna, o presente estudo teve como objetivo analisar como o nível de educação financeira se relaciona ao comportamento financeiro de estudantes de Administração da UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon.

Este estudo conclui que, entre os futuros administradores da amostra analisada, o conhecimento técnico em finanças, possivelmente adquirido no currículo formal, não é condição suficiente para garantir comportamentos financeiros prudentes. Fatores como a etapa do ciclo de vida e vieses cognitivos, como o excesso de confiança, parecem modular de forma significativa a aplicação prática desse conhecimento, especialmente em decisões de poupança e planejamento de longo prazo. A associação exclusiva da educação financeira com a renda pessoal também reforça a conclusão de que o background socioeconômico ainda é um fator determinante na proficiência financeira dos estudantes.

No plano teórico, a pesquisa contribui para a literatura brasileira ao analisar uma amostra específica de estudantes de Administração, oferecendo dados que podem ser comparados a outras investigações e aprofundando a análise ao incorporar a discussão sobre vieses comportamentais para explicar os paradoxos encontrados.

Em termos práticos, os achados fornecem subsídios para fundamentar ao indicar que programas de educação financeira podem ser mais eficazes se segmentados por faixa de renda e perfil de curso. Para gestores acadêmicos, os resultados sinalizam a necessidade de complementar o ensino técnico com abordagens aplicadas que discutam vieses e incentivem o planejamento prático.

As conclusões devem ser interpretadas à luz de algumas limitações, principalmente o uso de uma amostra de conveniência restrita a um único curso e campus, o que limita a generalização dos resultados. Tais limitações, contudo, abrem caminho para pesquisas futuras. Sugere-se que estudos subsequentes explorem desenhos longitudinais para acompanhar a evolução da educação e repliquem o levantamento em diferentes contextos acadêmicos e geográficos.

Por fim, podemos pensar em investigações que podem aprofundar os achados deste estudo. Uma análise curricular comparativa poderia ser conduzida para responder como o perfil de diferentes cursos, como Engenharias, Saúde ou Humanas, se correlaciona com o nível e o comportamento financeiro de seus respectivos estudantes. Poderiam também ser desenvolvidos

estudos para medir o impacto de intervenções pedagógicas específicas, testando, por exemplo, a hipótese de que estudantes submetidos a atividades focadas em vieses comportamentais apresentariam maior propensão a poupar do que grupos de controle expostos apenas ao ensino técnico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. F.; SOEIRO, W. C.; OLIVEIRA, A. S. de. Perfil dos estudos sobre educação financeira e finanças pessoais no Brasil: uma análise bibliométrica. **Desafio Online**, v. 11, n. 2, p. 379-399, 2023. DOI: 10.55028/don.v11i2.14774.

ALESSIE, Rob; ROOIJ, Maarten van; LUSARDI, Annamaria. **Financial Literacy, Retirement Preparation and Pension Expectations in the Netherlands**. [S. l.]: SSRN, 2011. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1810548>. Acesso em: 25 fev. 2014.

ALVES, Rodrigo Araújo *et al.* Educação Financeira: uma lacuna na formação discente na área de contabilidade? *In*: CONGRESSO ADCONT, 2., 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: FACC/UFRJ, 2011. Disponível em: <http://www.facc.ufrj.br/ocs/index.php/adcont/adcont2011/paper/viewFile/384/59>.

ANDRADE, Jefferson Pereira; LUCENA, Wenner Glaucio L. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 18, n. 49, jan./abr. 2018.

ARRONDEL, Luc; DEBBICH, Majdi; SAVIGNAC, Frédérique. **Financial Literacy and Financial Planning in France**. [S. l.]: SSRN, 2013. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2374363>.

AUGUSTINIS, Viviane Franco; COSTA, Alessandra de Sá Mello da; BARROS, Denise Franca. Uma análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. **Revista ADM.MADE**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 79-102, set./dez. 2012.

BAPTISTA, José Abel *et al.* A importância da educação financeira nos contextos acadêmico e profissional: um levantamento de dados com alunos universitários. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9., 2012, Resende. **Anais [...]**. Resende: Associação Educacional Dom Bosco, 2012.

BARBERIS, Nicholas; THALER, Richard. **A Survey of Behavioral Finance**. Cambridge, MA: NBER, 2002. (Working Paper, n. 9222). Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w9222>

BAZERMAN, Max H.; MOORE, Don. **Processo decisório**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Diário**

**Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 245, p. 7, 23 dez. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm). Acesso em: 23 mar. 2019.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. Gender Differences in Personal Financial Literacy Among College Students. **Financial Services Review**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 289-307, 2002.

CORRÊA, B. P. de S.; COLETTA, C. O acesso ao crédito em bancos digitais e fintechs aumenta a probabilidade de endividamento pessoal no Brasil? **Revista Ciências Administrativas**, v. 30, p. 1-13, 2024. DOI: 10.5020/2318-0722.2024.30.e14924.

COUTO, R. F.; MARACAJÁ, K. F. B.; BATALHÃO, A. C. da S. Finanças sustentáveis – conhecimento, habilidades e atitudes que podem fazer a diferença. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 24, n. 3, p. 62-114, 2023. DOI: 10.13058/raep.2023.v24n3.2392.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística Sem Matemática para Psicologia**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013..

DOMINGOS, R. **Ter dinheiro não tem segredo**. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

ENEF. **Estratégia Nacional de Educação Financeira: plano diretor**. [Brasília, DF: ENEF, 2010]. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Imagens/Plano%20Diretor%20ENEF.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FISCHHOFF, Baruch; SLOVIC, Paul; LICHTENSTEIN, Sarah. Knowing with Certainty: The Appropriateness of Extreme Confidence. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, v. 3, n. 4, p. 552-564, 1977.

FLORES, Silvia Amélia Mendonça; CAMPARA, Jéssica Pulino; VIEIRA, Kelmara Mendes. Propensão ao endividamento no município de Santa Maria (RS): análise da influência da educação financeira e de variáveis demográficas. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 15., 2012, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Semead, 2012. p. 1 - 16.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FREITAG, Viviane da Costa *et al.* A contabilidade para controle das finanças pessoais: a visão do acadêmico. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 12., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. p. 1 - 17.

HASLEM, John A. **Selected Topics in Financial Literacy**. [S. l.]: SSRN, 2013. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2352918>. Acesso em: 25 fev. 2014.

HIRA, Tahira K. **Personal Finance: Past, Present and Future**. [S. l.]: SSRN, 2009. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1522299>. Acesso em: 25 fev. 2014.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; PANOS, Georgios A. **Financial Literacy and the Financial Crisis**. [S. l.]: SSRN, 2012. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2038765>. Acesso em: 25 fev. 2014.

LEAL, Douglas Tavares Borges; MELO, Sheila de. A contribuição da educação financeira para a formação de investidores. *In*: CONGRESSO UFSC DE CONTROLADORIA E FINANÇAS, 2., 2008, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LUCCI, Cintia Retz *et al.* A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. *In*: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 9., 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SEMEAD, 2006. p. 1 - 12.

LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; MACIEL, Rutênio Gleisson Costa. A precificação psicológica relacionada ao comportamento do consumidor no processo de decisão de compra de bens ou serviços. **Gestão Contemporânea**, Porto Alegre, ano 9, n. 12, p. 91-113, jul./dez. 2012.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **Financial Literacy Around The World: An Overview**. Cambridge, MA: NBER, 2011. (Working Paper, n. 17107). Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w17107>. Acesso em: 23 jun. 2013.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. Financial literacy and retirement preparedness: Evidence and implications for financial education. **Business Economics**, v. 42, n. 1, p. 35-44, 2007.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **Financial Literacy and Retirement Preparedness: Evidence and Implications for Financial Education Programs**. Ann Arbor, MI: MRRC, 2006. (Working Paper, n. 144). Disponível em: <http://www.mrrc.isr.umich.edu/publications/papers/pdf/wp144.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2013.

LYONS, Angela C. **Credit Practices and Financial Education Needs of Midwest College Students**. [S. l.]: SSRN, 2010. Disponível em: [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1060801](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1060801). Acesso em: 30 maio 2018.

MARQUES, N. de S. *et al.* Conhecimento financeiro em estudantes de graduação: impactos no comportamento financeiro e implicações para a educação superior. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 24, n. 3, p. 141-168, 2023. DOI: 10.13058/raep.2023.v24n3.2430.

MOTA, T. R. C.; MEDEIROS, A. L.; GATTO, V. C. **Alfabetização financeira entre estudantes do ensino superior tecnológico: análise dos níveis e perfis sociodemográficos**. 2023. Manuscrito não publicado.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT.  
**Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and**

**Awareness.** Paris: OECD, 2005. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PETER, Luciani Dallmann; PALMEIRA, Eduardo Mauch. **Estudo sobre a educação financeira como disciplina escolar a partir das séries iniciais.** [S. l.]: Eumed.net, 2013. (Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo). Disponível em: <http://atlante.eumed.net/educacao-financeira/>. Acesso em: 23 nov. 2013.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; SILVA, Wesley Mendes da. Development of a financial literacy model for university students. **Management Research Review**, v. 39, n. 3, p. 356-376, 2016. DOI: 10.1108/MRR-06-2014-0143.

RIBEIRO, H. C. M. Particularidades e comportamento da alfabetização financeira no Brasil sob a perspectiva da análise de redes sociais. **Revista Contabilidade & Comércio**, v. 16, n. 2, 2024. DOI: 10.5380/rcc.v16i2.92365.

RODRIGUES, A. C. A evolução do mercado de capitais e o perfil do acionista minoritário no Brasil. **Scientia Iuris**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 107-128, 2012.

SANTOS, A. S. dos *et al.* O modelo Big Five de personalidade e a educação financeira entre estudantes de instituições federais de João Pessoa-PB. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 8, v. 2, n. 2, p. 6-28, 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao-financeira/modelo-big-five>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1191-1212, nov./dez. 2007.

SILVA, F. D. S. e. Ensino em gestão e a propensão a planejar de jovens estudantes: evidências do ensino médio e técnico. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 18, n. 2, 2024. DOI: 10.12712/rpca.v18i2.61471.

SPC BRASIL. **Indicadores econômicos SPC Brasil e CNDL.** [São Paulo]: SPC Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/6075>. Acesso em: 23 mar. 2019.

TEIXEIRA, Aline de Oliveira *et al.* **Vantagens e desvantagens da implantação da disciplina educação financeira nas escolas de ensino médio na cidade de Pinhais – PR.** 2010. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração de Empresas) – Faculdades de Pinhais, Pinhais, 2010.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 1-26, set./dez. 2011.

WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 6, n. 12, p. 155-172, 2011.

WORTHINGTON, A. C. Predicting financial literacy in Australia. **Financial Services Review**, v. 15, p. 59-79, 2006.